



Nós, testemunhas da esperança

O Ideal de Servir continua sendo a alternativa para um mundo perdido em conflitos e injustiças

Raffaele Pallotta di Acquapendente*

Paul Harris dizia que o Rotary é um mundo com suas aspirações, regras e também com seus problemas. Seus membros estão empenhados em uma constante atividade de servir acima de qualquer interesse pessoal. O Rotary é um modo de ser, um mundo particular em que o prazer da amizade provém da vontade de esforçar-se para o bem dos outros. É um mundo em que, junto a grandes ideais utópicos, existem possibilidades concretas de ajudar as pessoas e comunidades a progredirem em direção a um modelo melhor de sociedade.

O filósofo italiano Giovanni Gentile afirmava que “a utopia é o ideal inatingível de perfeição, o melhor de tudo o que a mente consegue elaborar. Para aproximar-se de sua utopia, o homem está pronto a enfrentar as provas mais difíceis”. O Servir é o caminho escolhido por nós para nos aproximarmos do nosso ideal utópico de um mundo em paz. Quem sente a necessidade e o dever de se empenhar entende que o convite para fazer parte do Rotary é uma oportunidade única de empregar parte do nosso escasso e precioso tempo livre para tentar melhorar a vida dos outros – e, portanto, também a nossa. Não a considera uma das tantas ocasiões de presença social em que se é obrigado na vida, nem tampouco uma ocasião vazia, e por vezes tediosa, de encontrar pessoas de nível para se colocar em evidência, mas somente o empenho gratificante de um serviço escolhido voluntariamente.

Quando Antonio Gramsci escrevia que temia que o programa do Rotary pudesse constituir “a difusão perigosa de um novo espírito capitalista que tentava vender o conceito de que a indústria, o comércio e as profissões, antes de serem um negócio, pudessem ser um serviço social”, Paul Harris respondia dizendo que “o Rotary é um modelo de vida que procura conciliar o eterno conflito existente entre o desejo legítimo do lucro próprio e o dever de empregá-lo a serviço da comunidade”.

O mundo avança e nós devemos avançar com ele. Todos nós investigamos cuidadosamente o presente para procurar antecipar o futuro. Isso é normal, pois de outra forma não existiria o progresso – ao contrário do imobilismo pessimista de Kafka, que afirmava: “Se despertas o futuro antes do tempo, o presente ficará enevoado”. No entanto, o futuro pode ser enfrentado de maneira válida somente se não são esquecidas as próprias origens e as tradições. As do Rotary são particularmente entusiásticas, e é necessário lembrá-las com frequência para delas extrair ensinamentos e estímulos.

O que inspirou Paul Harris foi a Encíclica Rerum Novarum, do papa Leão 13, para as aberturas sociais sobre a necessidade da colaboração entre capital e trabalho e por ter reconhecido à empresa, além do direito natural ao lucro, também o dever de fazer dele um emprego social para pôr fim à luta entre as partes. Esse conceito o atingiu de tal maneira a ponto de levá-lo à decisão de dar vida a um clube em que os representantes das empresas e das diversas categorias de

trabalho pudessem trocar informações úteis em um espírito de amizade, de estima, tolerância e compreensão recíprocas.

Ato de fé

Bertrand Russell lembrava com frequência e argúcia: “Tolerar o que nos agrada é fácil. É a tolerância do que desagrade que caracteriza a atitude do homem disponível”. Para Paul Harris, a tolerância é, antes de tudo, um ato de fé no homem que nasce livre e que ficará livre – como dirá depois Benedetto Croce – livre na consciência até sentir a exigência de liberdade. Foi muito breve, porém, o passo do círculo de amigos na busca da utilidade das relações entre as diversas atividades de trabalho e de renda até o serviço coletivo dos sócios no interesse público da comunidade.

A primeira ação a favor da comunidade empreendida pelos rotarianos foi, de fato, realizada em 1906, com a construção e o funcionamento efetivo de um banheiro público na cidade de Chicago. Realização que, apesar de sua simplicidade, representou um corajoso ato de rebeldia civil ao sindicato criminoso que havia concedido o monopólio desse serviço a negociantes da prefeitura. De 1905 até hoje, o Rotary se difundiu em quase todos os países em que existe liberdade de pensamento, formando (como bem definiu o rotariano Eisenhower, que entendia do assunto) o maior

Ao fundar o Rotary, Paul Harris quis afirmar os direitos naturais e fundamentais do indivíduo à vida, à liberdade e à solidariedade

exército de paz existente no mundo.

Ao fundar o Rotary, Paul Harris quis afirmar os direitos naturais e fundamentais do indivíduo à vida, à liberdade e à solidariedade. Ele estava convencido de que a mente humana só poderia ser livre em uma sociedade livre, que não punisse o mérito e não perseguisse a homologação forçada. O homem de Paul Harris não é um hedonista, mas uma pessoa com extraordinária sensibilidade, que deseja renunciar à unicidade da própria existência e que deseja vivê-la servindo a comunidade, empenhando-se em dar uma alma ao novo modelo de desenvolvimento para garantir a primazia do homem e de sua dignidade contra as exigências de mercado inaceitáveis.

É a celebração do homem como um ser heróico, único e que não se repete, em luta com quem procura anular sua individualidade. O Rotary representa o confluir de diversas vontades individuais que têm

A ética é a pedra angular do sistema de relações dos Rotary Clubs

a exigência moral de servir a comunidade, não através da caridade, mas procurando melhorar suas condições de vida, ajudando os cidadãos a tornar mais eficazes e produtivos os seus comportamentos. “O Rotary não pára, não pode parar, porque o nosso é um mundo que muda, e nós devemos mudar com ele”, lembrava, com frequência, Paul Harris. Também Martin Luther King gostava de repetir isso: “Devemos nos lembrar que não temos muito tempo para nos empenharmos em favor da comunidade, porque amanhã já é hoje e, se não agirmos depressa, já somos ultrapassados”.

O Servir e a operosidade dos RCs

Chesley R. Perry, secretário-geral do RI entre 1910 e 1942 – e que foi definido por Paul Harris como “o construtor do Rotary” – escreveu uma vez: “Aumentando o número daqueles que aceitam e praticam o Ideal de Servir, podemos tentar melhorar a vida nas diversas comunidades, seja em nível pessoal ou coletivo, marchando com o tempo”. O aumento dos sócios e dos clubes desenvolveu e reforçou as estruturas centrais e periféricas do Rotary Internacional. Formou clubes em quase todos os pequenos centros e os multiplicou nas grandes cidades. Teve o mérito de determinar a extensão do nosso Servir.

No entanto, a extensão e o desenvolvimento determinaram também uma atenção reduzida para os nossos clubes. Talvez devido ao fato de que, privilegiando a imagem do Rotary como associação humanitária e menosprezando sua

ação de coordenação entre as várias atividades profissionais, perdeu-se parte de sua capacidade de atrair a atenção da comunidade. Faz-se necessário agora adotar métodos de comunicação mais eficazes para melhorarmos nossa visibilidade, produzindo mensagens atraentes, capazes de fazer compreender que

trabalhar conosco, além de ser um privilégio, pode ser também agradável e vantajoso.

Para que nossos clubes sejam mais atraentes, devemos tornar mais conhecido também o nosso frequentemente desconhecido (porém concreto) tipo de “poder”. Para termos sucesso, devemos tornar mais dinâmicos os nossos clubes, a fim de evitar que os sócios achem que estão perdendo tempo e se frustrem. A operosidade dos clubes somente poderá ocorrer com a amizade entre os sócios. Aristóteles afirmava que são três os tipos de amizade: a que se fundamenta no prazer; a que se apóia na utilidade e a que se baseia na virtude.

A amizade rotária é um coquetel dessas três dimensões da amizade aristotélica: ela não pode ser exclusivamente ética, não poder ser exclusivamente útil, nem pode ser apenas hedonística. A amizade dos rotarianos não é um fim em si mesma: o Rotary não é um clube de amigos. É uma busca contínua dos melhores parceiros para produzir efeitos racionais e concretos sobre a vida da comunidade, e deve brotar da estima recíproca e do prazer de trabalhar juntos. Devemos, portanto, procurar com atenção nossos parceiros para o Servir, porque uma expansão precipitada, ligada somente a exigências monetárias, não pode fazer outra coisa se não diminuir o nível qualitativo dos sócios e,

conseqüentemente, a vontade de pertencer à organização.

Quantidade X qualidade

É certo que, se os clubes não ficassem mais ricos com novos sócios, acabariam tornando-se “senis”. São necessárias novas forças, porém é indispensável vigiar sua qualidade, pois de outra forma é um risco que os clubes rotários, com algumas pessoas, se acomodem na apatia. O rotariano Winston Churchill dizia que “a idade da apatia – quer dizer, a velhice do espírito – deve estar sempre pelo menos dez anos distante de nós”.

A expressão anglo-saxônica *service*, aplicada ao Rotary, exprime um modelo de vida que pressupõe o empenho para melhorar a qualidade de vida na comunidade, enfrentar os pequenos e grandes problemas do cotidiano para tentar melhorar as condições existenciais das camadas carentes, e tutelar sua dignidade com ética, profissionalismo e amizade. A ética no agir de cada um é, portanto, a pedra angular do sistema de relações internas e externas de nossos clubes.

Foi em 1912 que Arthur Frederik Sheldon, sócio do RC de Chicago, propôs os dois lemas que expressam o significado do servir rotário: *Dar de Si Antes de Pensar em Si* e *Mais se Beneficia Quem Melhor Serve*. Estes lemas indicam que o altruísmo do rotariano não é alheio à justa utilidade pessoal que deles pode ser deduzida. No nosso modelo de sociedade, pertencer a um clube de serviço leigo, com conteúdo benéfico exclusivo, não é considerado muito atrativo. A vontade de fazer parte de uma organização assim é relativa à atividade, à exclusividade, aos interesses profissional e social, e às vantagens que podem ser levadas à comunidade.

A sociedade em que vivemos tem estado todo o tempo à procura de novos modelos de viver social agora que estamos nos libertando da escravidão dos horários

e dos locais de trabalho. A inserção em grupos sociais qualificados – para conhecer e fazer-se conhecer em uma relação de igual dignidade – constitui um poder. Um Rotary Club representa um importante grupo social porque ele tem a possibilidade de influir na comunidade, assegurando, portanto, vantagens a quem é chamado a participar dele.

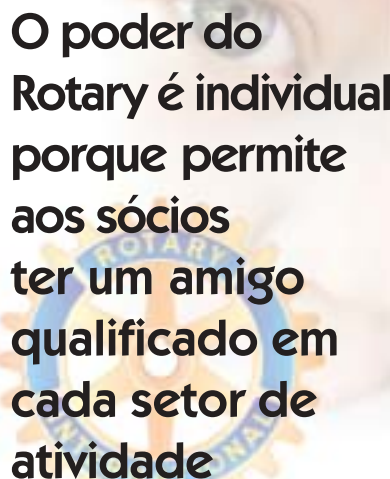
Em nossa moderna sociedade da comunicação e da imagem, é necessário demonstrar que se pode administrar um poder real conservando um perfil próprio. É evidente, portanto, que não podem fazer parte de nossos clubes pessoas com uma moral que se possa objetar ou sem aquele nível social que lhes permita serem úteis umas às outras. É também evidente que devam existir relações éticas entre os nossos sócios, já que se trata de administrar um poder lícito.

Devemos recordar que nada é devido de um rotariano para outro somente porque ele também é rotariano. Nenhum de nós é obrigado a atender a pedidos que não sejam marcados pela máxima retidão de conduta. Mas, exatamente baseado nesse princípio, o pedido de um rotariano não deverá jamais ser desvalorizado por um outro rotariano, porque se tratará sempre de um pedido legítimo e correto. O Código de Ética, adotado em 1915, representa o empenho do Rotary contra a corrupção, a favor da ética nos negócios e nas profissões. A Declaração dos Operadores Econômicos e dos Profissionais Rotarianos, adotada em 1989 – e reforçada no Conselho de Legislação de 2004 – relaciona os padrões éticos mencionados nos Objetivos do Rotary e sublinha a obrigação que os rotarianos têm de empregar suas competências profissionais para melhorar a qualidade da vida em suas comunidades.

O poder

Até hoje, nossos clubes têm ad-

ministrado o poder derivado da agregação das inteligências e dos profissionalismos mais elevados. O poder do Rotary é individual porque permite aos sócios ter um amigo qualificado em cada setor de atividade e em todas as localidades onde exista um clube. O poder do Rotary é coletivo porque insere o sócio entre pessoas selecionadas que apresentam propostas para melhorar a qualidade da vida da comunidade e, conseqüentemente, melhorar também a sua. Para exercê-



O poder do Rotary é individual porque permite aos sócios ter um amigo qualificado em cada setor de atividade

lo, porém, devemos achar o tempo para servir. Um outro grande rotariano, Albert Schweitzer, lembra que “aqueles que em sua atividade querem se dedicar aos outros devem sacrificar um pouco de seu tempo livre, por mais escasso que ele seja”.

Todo rotariano deve lembrar que, pelo fato de ter sido selecionado entre os melhores expoentes de sua atividade profissional, por definição ele jamais terá tempo. Ele acha o tempo, não considera o que faz ou o que fez, mas limita-se a perguntar se há algo a ser feito. Churchill repetia com frequência: “Se você quer que uma coisa seja feita, encarregue alguém muito ocupado de fazê-la, porque essa pessoa

conhece o valor do tempo”. O rotariano está consciente de que todo indivíduo tem direito à vida. Aquele que tem uma vida confortável, uma cultura, e teve gratificações apreciáveis no trabalho, tem também o dever de se esforçar para que o direito à vida seja uma realidade para todos.

Em fevereiro de 1915, Paul Harris escrevia na *The Rotarian*: “Temos necessidade de compreender mais claramente as coisas que têm valor para evitarmos as inúteis”. É necessário evitar a burocratização da nossa organização e dos nossos clubes, se não acabaremos por nos tornar uma das tantas associações sufocadas por normas e tradições que arrastam tediosamente sua vida, acomodadas em seus rituais e perdendo-se em banalidades inúteis.

A nossa marca

O poeta Pablo Neruda definia como “morte lenta” a vida dos que aceitam viver segundo regras formais e banalidades vazias: “Lentamente morre quem abandona um projeto antes de iniciá-lo, quem não faz perguntas sobre assuntos que desconhece e quem não responde quando lhe perguntam algo que sabe. Lentamente morre quem evita uma paixão, quem prefere o preto sobre o branco e os pontinhos sobre os ‘is’ em vez de um conjunto de emoções, daquelas que fazem brilhar os olhos, que fazem de um bocejo um sorriso, daquelas que fazem bater o coração diante do erro e dos sentimentos.”

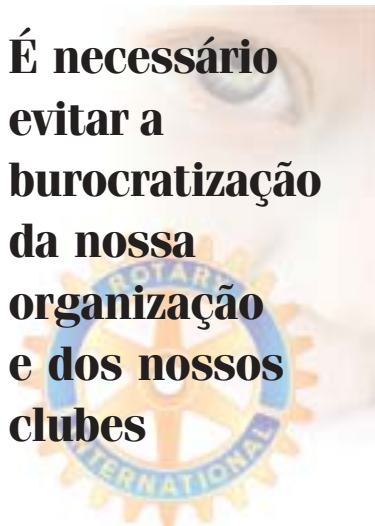
Conversas sonoras e vazias, atividades culturais sem vieses sociais e proposições ambiciosas e irrealizáveis constituem o melhor método para tornar árido um Rotary Club. É assim também que se perde muito tempo com discussões puramente teóricas sobre eventos benéficos, ou se nos perdemos em disputas acirradas sobre a direção de clubes, distritos e conselhos. No

nosso tipo de sociedade é sempre necessário fazer compreender o papel do serviço a que nos propomos e que estamos em condições de desenvolver. É necessário caracterizá-lo. A nossa marca é a de ser um grupo de pessoas de elite, de diferentes atividades e

profissões, que identifica problemas comuns, procurando possíveis soluções sem interesse particular. Um grupo que não desanima se as propostas nem sempre serão acolhidas por quem tem poder de decisão, mas que persiste na difícil tarefa de querer servir à comunidade com a coragem da perseverança.

É óbvio dizer que a elite rotária não se define no nascimento, mas brota da vida e do trabalho. Mas é útil reforçarmos esse conceito, porque lembro sempre da pungente consideração que fazia Montaigne ao falar do óbvio: "Óbvio também é o ar, mas ai de nós se não o tivermos". Ficarmos surdos ao chamado que nos convoca a dar uma maior atenção à *res publica* significaria não contribuir para uma mudança radical em direção a um direito maior, a uma liberdade responsável e uma melhor justiça social. O Rotary não pode e não deve tornar-se um movimento de opinião, mas deve tender a formar opinião no que se refere ao Servir à cidade e ao território, ocupando-se de problemas como tráfico, saúde, degradação urbana e delinquência juvenil, procurando também opor-se àquela burocracia deteriorada e anônima, embebida de uma legalidade formal que faz esquecer, com demasiada frequência, que aqueles que usufruem dos serviços sociais são pessoas – e não números.

É necessário evitar a burocratização da nossa organização e dos nossos clubes




O Rotary deve, em resumo, ser parte ativa da sociedade civil. Os rotarianos devem ter uma visão global das necessidades das populações dos vários continentes, da necessidade de água potável, alimento, alfabetização, saneamento básico e

de paz, contribuindo para mitigá-las através dos vários programas internacionais do Rotary e, sobretudo, da Fundação Rotária. É necessário, porém, começar com a intervenção nas múltiplas necessidades de nossas comunidades e, particularmente, voltado ao conceito de uma pobreza digna (hoje notavelmente muito difundido), na supremacia criminosa, na necessidade de trabalho. Se quisermos trazer uma palavra de paz a fim de que não existam mais entre os povos fronteiras não ultrapassáveis de raça e religião, devemos necessariamente começar a combater a indiferença, o egoísmo e a ineficiência, algumas das fronteiras indignas que separam as pessoas em nossas comunidades.

Nossos clubes devem ser a ágora da cidade em que o lobby rotário da ética e da correção possa se encontrar com os poderes constituídos para discutir como melhorar a qualidade de vida, a exemplo do que conseguimos com o programa Polio Plus. Se pensarem que esse é o sonho utópico de um velho e incurável rotariano, quero lembrar que a utopia é como o horizonte: parece inatingível, mas serve para continuar a caminhar. Quero lembrar ainda que só com o entusiasmo podemos dar partida à locomotiva do Servir. George Bernard Shaw afirmava com entusiasmo otimista que sempre o acompanhou durante a

vida: "Alguns vêem as coisas como elas são e dizem 'por quê?' Eu sonho coisas que ainda não existem e pergunto 'por que não?'"

Em uma sociedade em que a depressão e a ansiedade são as doenças que mais se difundem pela perda de certezas no amanhã, devemos, tenazmente, ser as testemunhas da esperança, para que o exemplo do nosso tranqüilo empenho possa ser compartilhado. Porque o Rotary é, de fato, compartilhar. 

● Diretor do Rotary International, o italiano Raffaele Pallotta di Acquazpendente é sócio do RC de Nápoles (D.2100). Médico e pesquisador, é o



presidente de honra da sociedade Internacional de Medicina Hiperbárica, área em que se destaca como referência mundial (ele é um pioneiro da medicina subaquática, e foi o primeiro a perceber as propriedades farmacêuticas do oxigênio hiperbárico e a utilizá-lo na cura de diversas doenças). Rotariano desde 1969, representa nossa organização na Unesco, em Paris, e na Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, em Roma, atuando também como porta-voz do Rotary na Europa, África e Oriente Médio. Entre as muitas condecorações e homenagens recebidas ao longo da vida, estão a Legião de Honra, as medalhas de ouro do Mérito da Saúde Pública, da Missão do Médico, da Fundação Carnegie (por atos de heroísmo) e a medalha de ouro por Atos de Excepcional Coragem, concedida pelo governo grego.

Tradução de Nelly Aleotti Maia.